

Jornalismo Cultural Em Curitiba: A Percepção Do Artista De Teatro¹

Francisco I. S. MALLMANN²

Celina do Rocio ALVETTI³

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Este trabalho trata do jornalismo cultural a partir da perspectiva do teatro, com o objetivo de perceber a influência do jornalismo cultural no teatro. A pesquisa tem a capital paranaense como espaço a ser investigado, voltando-se à relação entre o jornalismo de cultura e o teatro local. Para isso, verifica de que maneira o artista teatral entende o jornalismo de cultura em Curitiba. Os procedimentos metodológicos foram revisão de literatura e a pesquisa qualitativa por meio de entrevista em profundidade com 20 artistas do mercado local. Embora Curitiba, para os artistas, não mais se configure como um espaço fértil para a relação entre o jornalismo e o teatro, pode-se concluir que as áreas ainda sofrem influência mútua. O trabalho é uma espécie de diagnóstico para o jornalismo sobre o que pensa o artista, importante elemento do processo comunicacional.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Cultura. Teatro

Introdução

O jornalismo cultural encontra-se atualmente em um cenário paradoxal: se, por um lado a segmentação aliada à Internet apresenta as vantagens de um espaço sem restrições físicas, que concentra ferramentas de todas as outras mídias, de outro, o caráter mercadológico inerente ao contexto social parece restringir as possibilidades de uma cobertura cultural desprovida de demandas econômicas. A produção cultural artística, aos olhos do jornalismo, possui como única forma de conceituação aquela que se encaixa nos parâmetros da cultura de massa.

A tecnologia, os múltiplos procedimentos jornalísticos, os interesses do público e dos veículos, e a própria concepção de cultura fazem parte dos fenômenos que, em coexistência, resultam no que atualmente é o jornalismo cultural. Embora contemple as

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Graduado no Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, e mestrando no curso de Filosofia, na mesma instituição email: francisco.mallmann@yahoo.com.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, email: alvetti@uol.com.br

diversas manifestações, concepções e segmentos artísticos – incluindo até as que não fazem parte das chamadas “sete artes” tais como a moda e a gastronomia – algumas áreas têm no jornalismo cultural a possibilidade de registro do que muitas vezes é efêmero, como é o caso do teatro. O poder de análise, de registro histórico e da constituição de uma memória do campo artístico faz do jornalismo o principal meio de perpetuação das artes cênicas.

É no entrecruzamento entre o Jornalismo e o Teatro que o presente trabalho se insere. O objetivo é perceber a influência do jornalismo cultural no teatro, tendo a delimitação geográfica de Curitiba como objeto de estudo. A recepção dos artistas, no trabalho, se configura como uma opção metodológica, já que existe a intenção de identificar a maneira com que os artistas de teatro que atuam em Curitiba entendem o jornalismo cultural da capital paranaense. Acredita-se no poder do jornalismo especializado, nomenclatura que pretende indicar a profundidade e a responsabilidade de uma produção centrada no conhecimento particularizado em determinada área. A especialização seria, portanto, uma maneira de instrumentalizar e capacitar o jornalista acerca de seu próprio ofício, cujo engajamento reflexivo deveria ser originário de uma fluência do conhecimento em questão.

As metodologias adotadas são a revisão de literatura e a entrevista em profundidade, esta, a fim de perceber de que maneira a recepção do jornalismo cultural de teatro acontece pelos próprios artistas teatrais. Acredita-se ser essa a melhor forma para se ter acesso às impressões dos artistas, responsáveis tanto por parte do contexto cultural da cidade, como, conseqüentemente, pelo o que se produz sobre.

O presente artigo provem de uma pesquisa monográfica e, o que aqui é apresentado, é uma pequena parte de um estudo muito mais amplo – o recorte aqui estabelecido centraliza as discussões propostas, levando em conta as especificidades do evento.

Jornalismo Cultural Atual

É sob a perspectiva do jornalismo especializado que a produção do jornalismo cultural se insere. Segundo Martínez “el periodismo especializado en cultura informa, valora y contextualiza los acontecimientos que se relacionan con el concepto de cultura de cada época concreta.” (2010, p. 162). Segundo o autor, o jornalismo cultural não só é uma das classificações de jornalismo, como também é uma das principais modalidades do jornalismo especializado, isso porque:

El periodista cultural se encuentra ante un contexto complejo y en constante cambio y su principal misión es la de reconocerlo, explicarlo, relacionarlo e informar sobre él a su audiencia. Su labor no consiste en hacer una mera descripción del contexto cultural sino una interpretación y valoración rigurosas que garanticen la transmisión eficaz de los diversos códigos que conforman la información cultural.
(MARTÍNEZ, 2010, p.164)

O jornalismo cultural, enquanto manifestação do jornalismo especializado, está em constante desenvolvimento na mesma medida em que o conceito e/ou concepção de cultura se restabelece. Não há produção jornalística descontextualizada, assim como não há de cultura.

Laub (2013), em análise sobre o atual jornalismo cultural, defende que o contexto em que a imprensa cultural se insere “conspira contra o esforço reflexivo”. Tal cenário é constituído, segundo o autor, por uma postura adotada pelo jornalismo cultural que pretende tornar fácil, conhecido e acessível todo tema contido nas páginas de veículos culturais. Segundo Laub, “Não há pensamento em cultura – como não há em política – sem confronto”, (2013).

O confronto a que ele se refere não é o embate entre a arte erudita e arte popular, amplamente discutido na esfera do jornalismo cultural, mas o que se aproxima dos próprios conceitos de cultura. Não há, nesse contexto, uma cultura tratada como não sendo a cultura de massas. Segundo Pastoriza o conceito de cultura de massas, que tem origem na Escola de Frankfurt, constitui-se como o que melhor se corresponde com a divulgação da cultura através dos meios de comunicação, isso porque se trata de “un mensaje efímero emitido por una elite de comunicadores a un receptor masificado, disperso y anónimo a través de medios de comunicación centralizados” (2006, p.13).

No contexto mercadológico apresentado o jornalismo cultural contemporâneo tem sua produção intensamente influenciada por um movimento que Segura, Golin e Alzamora (2008), conceituam como o de espetáculo. Segundo os autores, é a partir do espetáculo, isto é, eventos artísticos pautados pela dinâmica da indústria cultural, seus lançamentos e distribuições, que a interpretação estética ocorre. Promove-se, assim, a vinculação de materiais que têm, inexoravelmente, o fator jornalístico e o lançamento de produtos numa relação de coexistência.

Inseridos em um pensamento marxista, os filósofos da Escola de Frankfurt, Benjamin, Adorno e Horkheimer, teorizam sobre a indústria cultural, importante conceito

da Teoria Crítica que se refere a um sistema de produção de entretenimento e lazer feitos em larga escala, fenômeno resultado do capitalismo. O pensamento incluído na teoria dos autores dessa escola é o de que os bens culturais estariam inseridos em uma produção que beneficia a parcela da população que, ao explorar a mão-de-obra proletária, perpetuaria a ideologia burguesa. Nesse contexto, a obra de arte seria, portanto, fruto do capitalismo no que se refere a sua produção, difusão e reprodução. Benjamin discorre sobre a abrangência da indústria cultural, e insere-a também como o exercício de mecanismos que se relacionam “aos esquemas do consciente e do inconsciente, os quais ela com razão pressupõe como difundidos nos consumidores” (apud DUARTE, 2008,p. 108).

O contexto, amplamente utilizado desde o seu surgimento, no entanto, foi o mesmo que proporcionou a maior acessibilidade das obras de arte, a pluralidade na produção artística e as amplas discussões, em diferentes meios, da arte, seus procedimentos e efeitos. É nesse sentido que se insere o jornalismo, especialmente o cultural, e sua função de transmissão e difusão da cultura. Pastoriza aponta para a responsabilidade que tem o jornalismo cultural ao se inserir como difusor da cultura. Segundo o autor, se trata de uma atividade profissional que exige uma rigorosa preparação por parte dos jornalistas, porque estes “tienen el deber de proporcionar acceso al capital artístico a quienes no poseen los códigos, la formación intelectual y la sensibilidad necesarios para asimilarlo y convertirlo em gratificante. (2006, p.16).

Frente à importância da função do jornalismo cultural nesse contexto, Coelho (2000) aponta a fragilidade que essa área do jornalismo encontra atualmente para desempenhar essa difusão com clareza e êxito. Segundo o autor os motivos vão desde a dificuldade em definir critérios para avaliar uma manifestação cultural, incluindo as dicotomias existentes no campo (erudição/popular, elite/massa) até as questões que envolvem a própria prática do jornalismo.

A homogeneização, tema recorrente ao se estudar a cultura de massas, surge como elemento da produção jornalística na medida em que interfere na cobertura exercida pelo jornalismo cultural. Segura, Golin e Alzamora identificam a padronização dos materiais jornalísticos do campo cultural quando apontam a repetição das manchetes, mecanismo que inibe “a possibilidade criativa do gênero” (2008, p. 77) e acaba “relegando a um segundo plano a investigação e a pauta original” (2008, p. 77). Hall também aborda a homogeneização em relação às culturais nacionais, suposto material principal das páginas

de cultura, que, ao se tornarem mais expostas à influências externas, são enfraquecidas “através do bombardeamento e da infiltração cultural” (2006, p. 74).

Os cadernos de cultura acabam veiculando em metade do espaço que lhes cabem publicações de serviços, programação televisiva e colunas sociais. Segundo Chauí, os riscos que a arte e o pensamento sobre arte sofrem sob a ação dos meios massivos são os de tornarem-se reprodutivas e repetitivas, eventos para consumo, consagração do consagrado, parte do mercado de moda passageiro, dissimulação, publicidade, porque, de acordo com a autora, “a chamada cultura de massa se apropria das obras culturais para consumi-las, devorá-las, destruí-las, nulificá-las em simulacros” (2006, p. 21-22).

Essas circunstâncias somam-se a crises financeiras em empresas jornalísticas e acabam por gerar espaços pouco estimulantes para a produção de um jornalismo ensaístico e reflexivo, já que, frente ao mercado, tal posicionamento não é rentável. Têm-se, portanto, a consolidação de um segmento praticamente ausente de reflexão, centrado no serviço, na agenda e na divulgação. Bauman ao discorrer sobre o atual contexto de produção mercadológica sugere que “tudo isso [demandas mercadológicas] se coloca em total oposição à criação cultural” porque, segundo o autor, subordinar a criatividade cultural aos critérios do mercado de consumo “significa exigir das criações culturais que aceitem o pré-requisito de todos os produtos de consumo anteriormente considerados legítimos: que se legitimem em termos do valor de mercado” (2007, p. 80)

No entanto, a comunicação atualmente tem como principal espaço para a difusão das informações a internet. Os motivos que compõem um cenário favorável ao ciberespaço são muitos, a divulgação instantânea de imagens e sons, a troca de informações entre computadores e o acesso a bancos de dados são alguns deles. No entanto, a distinção entre comunicação e informação, proposta por Pernisa Júnior indica que o processo de difusão de informações, independentemente do meio, não necessariamente configura um processo comunicacional. O contexto da comunicação de massa promove movimentos em que a passagem de mensagens e materiais “não assegura uma troca efetiva, ou seja, a comunicação em si” (2010, p.16).

A internet, entendida como uma nova mídia, um novo meio de comunicação, causou duas principais mudanças. A primeira é no âmbito mundial pelo seu potencial de gerar, transportar, sugerir e disseminar a informação, de uma maneira democrática e distante da manipulação dos outros veículos de comunicação de massa; e a segunda revolução da Internet ocorre do ponto de vista pessoal, transformando a relação homem x máquina, em

uma interatividade quase humana e quase máquina. Segundo Lévy, “o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória, imaginação, percepção e raciocínios” (1999, p.157).

As manifestações jornalísticas se apresentam de diferentes maneiras e suas especificidades muitas vezes são inerentes ao meio em que se inserem. Assim como o radiojornalismo e o telejornalismo a produção na web apresenta características que permitem estudos e definições mesmo em um espaço desterritorializado e usando de recursos de diferentes origens e formatos.

Esse cenário é definido por Jenkins (2008) como o da cultura da convergência, que se caracteriza pela existência de um fenômeno que contempla transformações tecnológicas, mercadológicas, sociais e culturais na recepção de produtos e informações, em que a produção jornalística se insere. As mudanças, no entanto, referem-se também ao próprio comportamento do receptor, que passa a ter formas de relação com os produtos culturais antes inexistentes, em que o próprio fenômeno da comunicação é revisto.

Embora se assemelhem os procedimentos jornalísticos, no que diz respeito a apuração e os preceitos básicos do ofício, o jornalismo digital se diferencia do praticado nos meios convencionais em especial pelo “tratamento dos dados e pelas relações que são articuladas com os usuários” (PINHO, 2003, p. 58). As potencialidades da Internet frente aos meios tradicionais (televisão, rádio, cinema, jornal e revista) também apresenta um espaço único de experimentação pela multiplicidade de recursos oferecidos.

O início da era da informação digital e a popularização da internet como meio de comunicação se deram nos EUA, no final da década de 1980. O primeiro jornal que ofereceu serviços na web foi o The New York Times. No Brasil, o primeiro jornal a fazer uma cobertura completa da internet foi o Jornal do Brasil em 1995.

O desafio do jornalismo on-line, nesse sentido, é a procura de uma linguagem adequada para a webnotícia, uma notícia mais adaptada às exigências de um usuário que é tão múltiplo quanto as possibilidades da rede. Moherdau (2007) aponta que, embora em diferentes níveis, o público leitor da internet além de ler, também participa das etapas de produção de conteúdo e também personaliza seu conteúdo através de bancos de dados.

Sabe-se que o jornalismo online torna-se mais atraente que o jornalismo convencional, por poder usar ferramentas únicas ao meio e inexistentes nas mesmas proporções quando comparadas a outros espaços. Mas não se trata de fazer uma simples transposição do que se produz em outros meios para o online, e nem mesmo de propor uma

polarização entre o que está na Internet e o que está fora dela. Santaella (2008) defende que os esforços estão em tornar o processo de união dos materiais disponíveis, fotos, vídeos, sons, em um fenômeno que se afasta de uma visão atomizada da utilização dos recursos.

A discussão de novos formatos de narrativas também se insere nesse contexto. O caráter de inventividade e experimentação suscitado pelo novo espaço em que se configura a Internet promove a pesquisa e o estudo de maneiras contemporâneas de se narrar os objetos jornalísticos. Na busca pelo entendimento da produção jornalística no ciberespaço, surgem questões acerca da profundidade, apuração e dos próprios procedimentos jornalísticos. Quando se trata especificamente do jornalismo cultural na Internet, a questão principal é a que apresentam Alzamora, Golin e Segura “a proliferação de websites não jornalísticos que passaram a produzir e a difundir informação cultural” (2008, p.78). A produção amadora do que antes era feito por jornalistas culturais, gera um cenário dicotômico: se por um lado a diversidade de informações promove a maior divulgação e consumo, por outro constitui uma nova linguagem cuja expressão contempla aspectos não jornalísticos.

Há também um comportamento que Machado (2010) apresenta como sendo da rede: o uso da Internet como fonte de pesquisa para a produção de matérias de meios tradicionais e normativos. Portanto, além de estar na web como matérias jornalísticas, a produção amadora também acaba se tornando fonte de pesquisa para o próprio jornalista.

No entanto, Brito coloca que o jornal “nunca foi tão lido, agora que tem sua versão digital. Não é o conteúdo dos jornais que está em xeque, mas apenas a sua forma.” (2009, p. 131). Cabe ao jornalismo cultural online, então, usar o ciberespaço de forma que a sua linguagem e identidade jornalística, que se aperfeiçoou durante o século XX, seja agregada aos recursos e ferramentas possibilitadas pelas constantes transformações tecnológicas e continue a perpetuar a credibilidade conquistada até então.

O Contexto Curitibano – As relações entre teatro e jornalismo

A efemeridade que caracteriza e faz parte do teatro, enquanto experiência e acontecimento, torna o registro artístico sempre um desafio. A encenação existe no tempo exato em que acontece, e a transposição de uma linguagem a outra comumente soa insuficiente. O jornalismo e, durante algum tempo, especificamente o jornal impresso, foi

uma importante forma em que o teatro pode se assumir para continuar presente, mesmo depois de um espetáculo acabar.

O registro, a palavra escrita tem no teatro a possibilidade de se fazer presente em diferentes momentos de um processo artístico, a dramaturgia, o livro de memórias, a biografia, a exposição de ideias e concepções, e a própria história do teatro são todas possíveis formas de eternizar o acontecimento. É no jornal, no entanto, que o espaço entre o artista e o público se converge em mediação.

A cobertura jornalística de teatro e mesmo a crítica teatral se configuram como importantes formas de registrar o teatro. Patriota (2008) ao analisar as aproximações entre o Teatro e a História, aponta que o evento cênico, ao ser tratado em quanto acontecimento histórico, tem a sua especificidade no fato de extinguir-se no momento em que sua ação é finalizada. Segundo a autora, a reunião de fragmentos para se compor uma possível cronologia do Teatro, é no Brasil comumente feita com críticas teatrais e depoimentos, dois procedimentos jornalísticos.

Além da reconstituição histórica, há outras principais funções do jornalismo cultural, que podem também surgir da relação entre Jornalismo e Teatro: a formação, reflexão, a divulgação e o caráter poético. O caráter formativo do ofício também se concretiza quando as artes cênicas são tema. Independentemente do público em questão, se iniciado ou não, ao tratar do teatro em espaços jornalísticos há uma instrução do receptor sobre a manifestação artística abordada. Embora o jornalismo não possa afirmar e comprovar “o pleno exercício da cidadania, maior acesso ao consumo e tampouco um desenvolvimento educacional da sensibilidade estética dos consumidores dos produtos, serviços ou bens culturais” (GADINI, 2003)

As formas de se analisar ou receber um objeto artístico são muito variadas e, por isso, os veículos adotam diferentes abordagens e procedimentos para se discorrer sobre o teatro. Pavis aponta para a multiplicidade de possibilidades de recepção e produção de uma experiência teatral. Segundo o autor a forma das análises e os discursos podem ser extremamente variados e vão desde comentários espontâneos, feitos pelos próprios espectadores, até “artigos especializados da crítica escrita ou audiovisual, registros mecânicos auditivos ou audiovisuais, descrição oral ou escrita dos sistemas de signos por semiólogos conscienciosos, meditação poética ou filosófica a partir do espetáculo etc” (2005, p. 14).

A divulgação de produtos culturais nos espaços jornalísticos se relacionam bastante intimamente com temas já apresentados como o agendamento e a indústria cultural. Isso porque os procedimentos hoje utilizados ao se tratar de assuntos culturais enquadram-se no que costuma-se chamar de serviço. Pequenas notas que apresentam data, horário, local e um breve contexto são majoritariamente o corpo de espaços reservados a uma suposta produção sobre a cultura. A política e o sistema econômico, temas aparentemente distantes e muito maiores do que a discussão do jornalismo cultural, parecem apontar questões que ora surgem enquanto explicação para a produção atual e ora surgem como causa. É o caso do uso da linguagem no capitalismo, levantada por Durão, ao afirmar que os contínuos avanços das tecnologias midiáticas “permitiram que nossa vida se tornasse, como nunca antes saturada da linguagem” (2008, p 43).

Mais do que qualquer outra área do jornalismo, a cultural permite a maior produção reflexiva entre as categorias possíveis. Essa especificidade se justifica pelo material com que o jornalismo cultural se constitui. Tratar de temas que envolvem a cultura, as artes e o pensamento de um círculo social permite com que as abordagens sejam encaminhadas para o lugar da reflexão. Giddens a reflexão acontece porque nesse espaço “as práticas culturais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informações renovadas sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (apud AZZOLINO, 2009 p. 45)

Alzamora também aponta para a função poética de uma cobertura do jornalismo cultural. Isso se dá porque o receptor, ao buscar a informação presente em espaços que contemplem uma produção voltada a arte e a cultura, está à procura de um material também sensível, e capaz de fazê-la ter uma experiência estética. Segundo a autora, “há um sentido profundo em tudo o que é humano, e a cultura abarca esse ‘tudo’. Trata-se de um conjunto paradoxal de coisas que transitam entre o absurdo e a beleza; entre a beleza e a fragilidade” isso porque, de acordo com Alzamora, “o jornalismo está aí para informar o homem sobre o que está acontecendo com o homem” (2009, p.66).

A relação entre os palcos e os jornais em Curitiba foi pesquisada por Marta Moraes da Costa, responsável por um importante material sobre o tema, já que não é vasto o registro dessa área. Data o início do século XX as primeiras delimitações das principais características da cobertura teatral local. Nesse período tem-se o número de sete diários que mantinham produção frequente sobre teatro: A República, Diário da Tarde, Gazeta do Povo, O Comércio, Comércio do Paraná, A Tribuna e O Dia.

É a crítica que nesse momento tem mais destaque na produção local. Há três linhas: a crítica preocupada com a descrição e narração do evento teatral, a crítica enquanto híbrido de crítica/crônica e a crítica que empenha-se em constituir-se enquanto produção teórica sobre o teatro. Ainda que com distinções, o texto crítico de teatro abarcava em sua concepção a ideia de que compreender o teatro significava compreender a sociedade em questão (MORAIS DA COSTA, 2009).

Tais características predominaram até a década de 1930. Nas décadas seguintes aponta-se dois nomes como incentivadores do teatro em Curitiba em suas colunas sociais, Calil Simão e Júril Carnasciali (CABRAL, 2014, p.37).

Durante toda a década de 1960 vários jornalistas em diversas publicações mantêm uma produção constante sobre teatro. Destacam-se Aramis Millarch, que escreveu para jornais e revistas de Curitiba, Philomena Gebran, que assinava uma coluna de teatro no jornal Gazeta do Povo chamada “Arte”, Oraci Gemba, no jornal O Estado do Paraná e Aroldo Murá, com a coluna “Vernissage” no jornal Diário do Paraná.

Na década de 1980 se registra a pouca atenção dada pela imprensa ao contexto teatral de Curitiba. Dotto Neto (2000) aponta dois comportamentos do jornalismo frente ao teatro: a omissão e a crítica seletiva. Nesse momento também se torna comum a prática da utilização dos *releases* que, não raro, eram reproduzidos na íntegra. No entanto, Cabral aponta alguns nomes como importantes “para a divulgação e crítica teatral no Paraná”, como o de Aramis Millarch e a coluna “Tablóide”, Marilu Silveira, Rosirene Gemael e Celina Alveti que, segundo o autor “fortalecem a ideia de um teatro verdadeiramente vivo e promissor” (2014, p.86).

A década de 1990 é marcada pela criação do caderno cultural do jornal Gazeta do Povo. Em 1992 começa a circular o Cultura G, que em 1995 se torna o Caderno G. Atualmente Curitiba não apresenta nenhum veículo cuja produção contemple uma escrita especializada em teatro com periodicidade cujo caráter crítico se revele como principal elemento. Pode-se destacar veículos, espaços e profissionais que fazem certa cobertura dos eventos e produtos culturais teatrais nas páginas e cadernos destinados a cultura (que abarcam diversos temas no mesmo espaço), no entanto, não se pode afirmar a consolidação de um espaço especializado em teatro. Atualmente, nos grandes veículos, não existem colunas de teatro e nem críticas teatrais regulares embora exista a organização, sistematização e veiculação de *releases* e serviços.

A relação do artista

O presente estudo, ao discorrer sobre o jornalismo de cultura, especificamente o de teatro, encontra nos artistas curitibanos que se dedicam à arte teatral a principal fonte de pesquisa. Isso se deve ao fato de serem eles, os artistas, fundamentalmente, quem compõem as páginas do jornalismo especializado em teatro. Estão inseridos nos trabalhos retratados, são entrevistados, são pautas, ganchos, são eles o público, os receptores das publicações, são referência e motivo para a produção jornalística. O desejo de ouvi-los está, portanto, na importância que têm enquanto agentes do processo comunicacional e no fato de ser, a entrevista em profundidade o procedimento metodológico mais adequado para o cumprimento do objetivo.

É evidente que tal concepção parte de uma noção do jornalismo enquanto um fenômeno que contempla não só o receptor enquanto parte integrante do processo comunicacional, mas como parte constitutiva e participativa. Entende-se, então, a importância de se dar voz aos artistas em questão. Especialmente torna-se crucial ao jornalista ter acesso ao pensamento do artista que produz e concebe sua arte em Curitiba em relação ao jornalismo cultural local.

A aproximação entre o jornalismo cultural teatral e o próprio teatro, entre tantas as possíveis, está também no fato desses dois universos, em certa medida, compartilharem de um mesmo público. Por observação percebe-se que o panorama que se apresenta é: o mesmo público que vai ao teatro, propõe-se a acessar diferentes tipos de materiais sobre o tema, o jornalismo, por exemplo, e também há o movimento contrário, ou seja, o receptor que se interessa pelo material jornalístico produzido sobre teatro desloca-se aos espaços artísticos que apresentam tal manifestação artística. Trata-se de um cenário que se supõe quase colaborativo, cuja coexistência poderia ter um caráter de propulsão mútua.

É a partir da proximidade entre as duas dimensões em questão que se estabelece o seguinte roteiro para as entrevistas realizadas com 20 artistas de teatro em Curitiba:

1. Você acha que a cobertura do jornalismo cultural de teatro em Curitiba responde à altura do contexto artístico? Por quê?
2. Você acha que o seu trabalho, e mesmo o de seus pares, é tratado com coerência pelo jornalismo local?
3. Pode indicar algum veículo de comunicação de Curitiba que considera relevante no trato das questões do teatro local? Aponte algumas razões disso.
4. Você acredita na crítica, enquanto formato jornalístico? Por quê?
5. A crítica influencia, de alguma maneira, o seu trabalho? Como?

6. O que você espera do jornalismo cultural teatral? E da crítica?

Resultados

Foram entrevistados 20 artistas teatrais de Curitiba, e as considerações a seguir refletem as impressões desses artistas, aliadas a revisão bibliográfica, parte dela, apresentada no presente artigo.

A relação entre o jornalismo cultural e o teatro, em análise histórica, evidencia que as duas áreas sofreram, e ainda sofrem, influência uma da outra em vários aspectos, em diferentes contextos, circunstâncias e especificidades. Consta-se que os dois universos se alimentam e se utilizam um do outro para o exercício dos ofícios. Tanto o teatro como o jornalismo apresentam potencialidades e recursos para o desenvolvimento quando aquele inserido no espaço jornalístico e este no teatral.

O movimento de resgate, presente especialmente nos panoramas, no entanto, não pretende a instauração de um tom saudosista. Remete-se à história na tentativa de localizar quando as aproximações entre o jornalismo e o teatro configuraram um espaço exitoso, cuja feitura se mostrava produtiva aos dois universos em questão. Também não se trata de apontar melhores dias que não mais existem. O trabalho tem como um dos resultados, a constatação de que é múltipla e ativa a produção teatral curitibana. Não se pode dizer que as duas áreas deixaram de se atualizar (enquanto relacionadas) e que, por um possível enfraquecimento de uma delas, a outra não pôde se desenvolver.

No que diz respeito ao jornalismo, conclui-se que ele é importante elemento da revolução tecnológica, que continua a transformar hábitos e maneiras de se conceber, produzir e consumir a informação e os bens simbólicos. A internet, a mudança de concepções, as transformações dos meios e as maneiras de se fazer jornalismo configuram, se não a falência de um método, a necessidade de reconceituação. O jornalismo está em um importante momento de sua história, em que novos conceitos e trajetórias estão se consolidando e se estabelecendo.

Sobre o jornalismo, também é possível constatar que as produções à margem se configuraram historicamente como um espaço possível e atualmente surgem como possibilidade. A independência jornalística, no entanto, geralmente vem aliada a uma dificuldade na manutenção e perpetuação do trabalho e dos materiais que, sem diretas relações com empresas mantenedoras, muitas vezes são criados sem poder prever o tempo

de atividade. A internet é o lugar em que indivíduos interessados em ter uma produção crítica livre das amarras das grandes corporações, encontram um lugar, mas acabam produzindo, embora munidos de intenção e profundidade, de maneira amadora, porque raramente remunerados. A credibilidade, quando a assinatura é desprovida do nome de um grande veículo, precisa ser conquistada de outras formas já que a suposta grandeza não pode ser medida pelo espaço de produção.

Em contraposição ao contexto atual em que a cultura e a arte têm o consumo como elemento norteador em todas as fases de apreensão, inclusive na que se refere à cobertura jornalística, o trabalho se empenha, nos panoramas, nas referências e nos nomes adotados como marcos, em indicar a importância de um perfil crítico, antes mesmo de apontar formatos e metodologias. Constata-se assim que o olhar reflexivo e crítico não podem ser ensinados, porém, podem ser estimulados, compartilhados e analisados a fim de se tornarem uma postura.

Pode-se observar a dificuldade existente na definição de qual é o nível satisfatório de especialização acadêmica ou mesmo de profissionalização do jornalista especializado. Nem mesmo é possível definir quem é o profissional apto a discorrer criticamente sobre a obra de arte. Quando há a tentativa de definição, o panorama que se edifica é sempre paradoxal: se ao artista sobra o conhecimento específico, lhe falta a instrumentalização jornalística, ao jornalista, a questão de repertório sobre o tema é a principal questão.

Esses poucos motivos permitem afirmar que, definitivamente, a relação entre o jornalismo e o teatro não parece estar em via de acabar, embora tenha existido com maior consistência em outros períodos. No entanto, precisa-se de uma reconciliação e de um refinamento na relação. O que se pode observar, porém, é que essa relação parece ser mais necessária ao teatro do que é ao jornalismo. Nesse sentido, não parece haver grandes crises no jornalismo de cultura aos olhos do próprio jornalismo ou aos do que o mantém. É bastante produtivo à indústria jornalística que os produtos culturais sejam produtos. O teatro, no entanto, perde o público, o pensamento, o incentivo e o espaço de fomento dos veículos. O teatro talvez esteja lutando contra o comportamento de uma geração que o jornalismo ajuda a se consolidar. A relação entre o jornalismo e o teatro precisa ser mais próxima, de maior interesse mútuo, cujo desejo de desenvolvimento seja compartilhado.

O jornalismo cultural, no entanto, é uma importante ferramenta de divulgação. Já que a simples veiculação torna possível o fato de tornar produções artísticas conhecidas pelo público e promover o reconhecimento de trabalhos artísticos, inclusive locais.

A percepção do artista de teatro em relação ao jornalismo cultural, de maneira geral, é de bastante pessimismo, descrédito e desvalorização. As características do grupo formado pelos 20 artistas entrevistados possuem elementos oriundos da própria área de atuação. Percebe-se a identidade artística na maneira de encarar o contexto e na forma de verbalizar/registrar as impressões. Considera-se o fato de que a relação é vista de um espaço bastante específico, de um ponto de vista singular já que, embora diferentes entre si, os artistas dividem a mesma cidade e o mesmo contexto artístico. Esclarece-se assim o tom parcial que os resultados podem parecer apresentar. Não se trata de parcialidade, apenas o fato de que o trabalho reúne a percepção de um grupo homogêneo sem as pretensões de apresentar “um outro lado”. Acredita-se que as percepções dos artistas, quando analisadas, podem ser de grande importância para o jornalista cultural ao se configurarem como elemento para se refletir sobre o próprio ofício.

É possível constatar que o jornalismo parece precisar recuperar a credibilidade que um dia teve com os artistas, e os artistas talvez necessitem entender que as grandes análises de outrora, de fato, parecem não mais caber nos limites das publicações massivas e hegemônicas – bastante restritos em espaço, conceito e finalidade. Tanto o teatro como o jornalismo impresso lutam contra a escassez de leitores e espectadores. A reinvenção soa necessária às duas partes.

Talvez caiba ao teatro curitibano uma abertura. Encontrar novos públicos, novos espaços, para não mais depender de um agente que, supostamente, não se interessa pela manifestação artística em questão. Buscar e encontrar meios para que o teatro seja, minimamente, autossuficiente no que diz respeito aos veículos de comunicação hegemônicos. Não é tão fácil, é evidente. O teatro precisa do público (cabe colocar que as questões envolvendo as políticas públicas culturais, não aprofundadas no estudo, se configuram como tema a ser pesquisado e ampliado, especialmente em um país como o Brasil). E o público que poderia se tornar o espectador fiel dos palcos tem como única referência de arte aquela alinhada aos interesses de algo ou alguém – se costuma culpar o sistema, os mantenedores dos veículos, e todos os degraus hierárquicos que compõem e perpetuam a concepção de cultura que, muitas vezes, oprime e nega o local, o regional.

REFERÊNCIAS

ALVETTI, Celina. **Gente nossa Coisas nossas**. Curitiba: Banestado, 1990

ALZAMORA, G. C. ; SEGURA, A. ; GOLIN, C. . **O que é jornalismo cultural?**. In: Programa Rumos Itaú Cultural. (Org.). Mapeamento do ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008. São Paulo: Itaú Cultural, 2008, v. , p. 70-81.

AZZOLINO, Adriana Pessatte (org). **Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências**. São Paulo: Miró Editorial, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

BRITO, Judith; PEDREIRA, Ricardo. A força dos Jornais: **Os 30 anos da associação de jornais no processo de democratização brasileiro**. Brasília: ANJ, 2009.

CABRAL, Ivam; GARCÍA VÁZQUEZ, Rodolfo; SANTOS, Silvanah. **Cartazes do teatro paranaense**. Curitiba: Companhia de Teatro Os Satyros, 2012.

DOTTO NETO, Ignacio. **Contracena: o teatro em Curitiba contado por seus artistas**. Curitiba: Ed. Do Autor, 2000.

DOTTO NETO, Ignacio. MORAIS DA COSTA, Marta. **Entreatos: teatro em Curitiba de 1981 a 1995**. Curitiba; Ed. Do Autor, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

COELHO, M. Crítica Cultural: **Teoria e Prática**. São Paulo: Publifolha, 2006.

GADINI, Sérgio Luiz. **A cultura como notícia no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003.

LAUB, Michel. **Jornalismo cultural**, 2013. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/michellaub/2013/08/1326927-jornalismo-cultural.shtml>
Acessado em: 14 de outubro de 2014.

LÉVY Pierre. **Cibercultura**; São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACHADO DA SILVA, Juremir. **Diretrizes e sentidos**. Revista Cult. n.188, ano VII, agosto, 2014.

PATRIOTA, Rosangela. **A história invade a cena**. São Paulo: Hucitec, 2008

PAVIS, Patrice. **A análise dos espetáculos**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PAZTORIZA, Francisco Rodríguez. **Periodismo Cultural**. Madrid: Editorial Síntesis, 2006.

PERNISA JÚNIOR, Carlos; ALVES, Wedencley. **Comunicação digital: jornalismo, narrativas, estética**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação on-line**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.